

## CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

54° Assembleia Geral da CNBB

Aparecida - SP, 06 a 15 de abril de 2016.

### LITURGIA E ESPIRITUALIDADE

*O gesto litúrgico não é autêntico se não implica um compromisso de caridade, um esforço sempre renovado por ter os sentimentos de Cristo Jesus (Fl 2,5), e para uma contínua conversão (Documento Medellin, 9)*

A Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, neste ano, propõe à reflexão dos irmãos o assunto Liturgia e Espiritualidade. Nas últimas Assembleias Gerais (AG), destacamos a necessidade de uma formação ministerial que, nos seminários e nas casas de formação, passe pela 'experiência' de uma vida litúrgica mais intensa e coerente com a proposta de nossa Igreja (2013). Consideramos, em seguida, a 'arte de presidir' como expressão exigente e essencial do serviço litúrgico (2014). Na última AG, apresentamos algumas sugestões a respeito de 'Liturgia e vida eclesial', analisando a dimensão litúrgica no mais amplo respiro da vida eclesial (2015).

Agora, queremos considerar alguns aspectos a respeito de Liturgia e Espiritualidade. Sustenta-nos a convicção de que, se falta ou fraqueja a primazia da espiritualidade, também as celebrações litúrgicas perdem seu genuíno sabor que brota da acolhida da presença e da ação do Espírito Santo, e não acontece a tão desejada conversão pastoral. Esta conversão deve encontrar, na liturgia, alimento e orientações. Lembramo-nos das bonitas palavras de São João Paulo II, por ocasião do XXV aniversário da Sacrosanctum Concilium (SC): "O Concílio, finalmente, quis ver na liturgia uma epifania da Igreja: essa é a Igreja em oração. Celebrando o culto divino, a Igreja exprime o que é".<sup>2</sup> Incentivam-nos as fortes palavras do Papa Francisco que, na Evangelii Gaudium (EG), alerta a respeito do mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, buscando, em vez da glória do Senhor, a glória humanas e o bem-estar pessoal (EG 93). O papa escreve: "Este obscuro mundanismo manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas, mas com a mesma pretensão de 'dominar o espaço da Igreja'. Em alguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas

necessidades concretas da história. Assim, a vida da Igreja transforma-se numa peça de museu ou numa possessão de poucos" (EG 95). Em seguida, o papa propõe a cum: "Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. Não deixemos que nos roubem o Evangelho!" (EG 97).

## 1. O QUE É ESPIRITUALIDADE

É muito comum ouvirmos falar de "mística" ou "espiritualidade". Não faltam também adjetivos para estas palavras — "mariana", "franciscana", "leiga"... Vivemos em um mundo plurirreligioso. Há, porém, uma coisa em comum: "as experiências místicas das diferentes tradições religiosas continuam sendo experiências de comunhão com Deus e de conhecimento de Deus pela experiência. Para o cristianismo, a mística é a experiência de um Deus encarnado. Fora deste dado central e absolutamente necessário, não há cristianismo".

Toda espiritualidade cristã aprofunda suas raízes no Espírito Santo, o primeiro dom do Ressuscitado (cf. Jo 20,19-23), o Espírito da verdade (Jo 16,13) que 'derrama em nós o amor de Deus' (cf. Rm 5,5), nos 'santifica' (cf. 2 Ts 2,13) 'habita em nós' (cf. 1Cor 3,16) e nos 'assiste em nossa fraqueza' (cf. Rm 8,26).

Na Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas (n. 8) se lê: "O Espírito Santo, que está em Cristo, em toda a Igreja e em cada um dos batizados, é quem realiza a unidade da Igreja orante. O mesmo Espírito vem em socorro de nossa fraqueza e intercede em nosso favor com gemidos inefáveis (Rm 8,26)..."

Por conseguinte, não pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo, que unifica a Igreja inteira, levando-a pelo Filho ao Pai. (IGLH, n.8). Recordamos que toda expressão de espiritualidade litúrgica requer o cultivo da espiritualidade pessoal. A liturgia é fonte da oração pessoal. "Uma vida de oração cria, no fiel, as melhores condições para vibrar na celebração litúrgica"... No entanto, "hoje, parece que é necessária uma melhor integração entre a liturgia com estilo contemplativo e a necessidade de alimentar a oração pessoal nas fontes da vida sacramental da Igreja".

Recordamos as fortes palavras de São João Crisóstomo: "Assim como não se põe o incenso em carvão apagado, não adianta a celebração litúrgica sem uma verdadeira oração individual. O desejo espiritual é como o fogo, a oração individual faz

a pessoa se abrasar nesse fogo. Então, quando as brasas estão acesas, se põe o incenso da liturgia e se realiza a oração comunitária".

É preciso, pois, passar de um conceito psicológico de espiritualidade (como se fosse uma simples motivação) para um conceito teológico, ou seja, ter espiritualidade é viver segundo o Espírito Santo.

## 2. O QUE É ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA?

O desafio pastoral, em busca de uma mais autêntica espiritualidade litúrgica, pode ser formulado ao redor de algumas questões, entre elas: qual deve ser o estilo próprio da oração pública da Igreja nas celebrações litúrgicas? Quem é o verdadeiro 'intérprete'? Quando a liturgia responde aos essenciais requisitos eclesiais? Quando existem 'desvios' ou 'abusos'? Até que ponto o ministro ordenado tem 'liberdade' de interferir nas 'coisas' da liturgia, que pertence não ao indivíduo, mas à Igreja?

Com o Concílio, reafirmamos que “a liturgia, enquanto edifica aqueles que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em habitação de Deus no Espírito, até atingir a medida da plenitude de Cristo, ao mesmo tempo e de modo admirável, robustece as suas forças para que preguem o Cristo; e assim, aos que estão fora, ela mostra a Igreja como estandarte erguido diante das nações" (SC 2).

Recordemos a afirmação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia: "É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige e à qual o povo cristão, 'raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido' (1Pd 2,9; cf. 2,4-5), tem direito e obrigação, por força do Batismo. A esta plena e ativa participação de todo o povo cumpre dar especial atenção à reforma e ao incremento da sagrada liturgia: com efeito, ela é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis podem haurir o espírito genuinamente cristão" (SC 14).

Então, o que se entende por espiritualidade litúrgica? Podemos responder que ela é como uma atitude permanente ou um estilo de vida cristão baseado na assimilação ou identificação com Cristo, produzidos pelo batismo e pela confirmação e a seguir nutridos pela plena participação à Eucaristia, aos sacramentos em geral e à oração da Igreja; tudo isso, no âmbito fundamental do ano litúrgico e segundo o ritmo cíclico que lhe é próprio.

De fato, a espiritualidade da Igreja retira seu alimento da tradição mais antiga e genuína, sobretudo da Sagrada Escritura, nas diversas formas de oração e no canto dos Salmos ou neles inspirado; trata-se da originária espiritualidade vivida no ritmo do ano litúrgico, itinerário sabiamente construído pela experiência das Igrejas cristãs do Oriente e do Ocidente.

Lembrando que, através da participação na liturgia a vida cristã se alimenta e aperfeiçoa rumo à maturidade: "celebração e vida formam uma unidade, enquanto ambas são expressões inseparáveis do único culto espiritual do Novo Testamento".

## 2.1. Questões de Espiritualidade litúrgica

Portanto, podemos nos perguntar: depois de uma celebração litúrgica — da Palavra, da Eucaristia, da Liturgia das Horas ou de outro Sacramento — se fizemos de fato uma experiência de fé e de verdadeira espiritualidade? Hoje em dia, pessoas afirmam 'sentir' a presença de Deus nas devoções pessoais, nas novenas ou nas expressões de oração 'carismática', quando não nas igrejas 'pentecostais', mais do que nas celebrações litúrgicas. Acusam-se, às vezes, 'certas' celebrações por terem pouco silêncio e excesso de movimentos e palavras, ou seja, uma escassa espiritualidade. A escritora católica Adélia Prado, em uma conversa em Aparecida, chamava a atenção, dizendo: "Olha, gente, têm algumas celebrações em que a gente sai da igreja com vontade de procurar um lugar para rezar".

## 2.2. A Espiritualidade litúrgica entre escuta e vivência da Palavra

A oração da Igreja se alicerça em uma longa história de espiritualidade bíblica. É suficiente recordar as fortes palavras dos profetas a respeito da necessária coerência entre culto e vida social. Alguns exemplos: "De que me serve a multidão dos vossos sacrifícios?... Parai de trazer oferendas sem sentido! Incenso é coisa aborrecida para mim!... Aprendei a fazer o bem, buscai o que é correto", escreve Isaías (cf. 1,11-17); Jeremias (7,4-7) admoesta os peregrinos que, em romaria, chegam ao Templo cantando: 'É o templo do Senhor, o templo do Senhor, o templo do Senhor!', dizendo-lhes: "Só se endireitardes vosso caminho, vosso modo de agir, e fizerdes valer a justiça uns com os outros... só então vos farei repousar neste lugar". Jesus responde às críticas

por não observar o sábado, recordando Oséias (6,6): "Misericórdia eu quero, e não sacrifício".

"Quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus que fala ao seu povo, é Cristo presente na sua palavra que anuncia o seu Evangelho" (IGMR, n. 29)9. "Tal proclamação tem um imenso poder evangelizador, pois faz com que a assembleia, ao ouvir a Palavra, viva uma profunda experiência do mistério de Deus. O mesmo vale para a homilia como parte integrante da liturgia" (SC 52). Portanto, a Palavra deve ser proclamada por leitores bem preparados e conscientes do serviço litúrgico que exercem. A maneira espiritual e orante como a homilia é proferida, explicando a Palavra de Deus e a atualizando para o hoje, faz com que o povo desfrute do direito e do dever de sentir a voz do próprio Deus ecoando em seus ouvidos e corações.

A Palavra de Deus proclamada e explicada (homilia) faz ecoar o mistério de Deus. "A Palavra de Deus, para que seja acolhida e traduzida na vida dos fiéis, exige uma fé viva, que cresce continuamente ao escutar a Palavra de Deus proclamada. Com efeito, as Sagradas Escrituras são, sobretudo na proclamação litúrgica, uma fonte de vida e de força, segundo o que diz São Paulo, quando afirma que o Evangelho é uma força de salvação para todo o que crê, por isso, o amor às Escrituras contribui para o vigor e a renovação de todo o povo de Deus. Portanto, é muito conveniente que todos os fiéis estejam sempre dispostos a escutar com alegria a Palavra de Deus. A Palavra de Deus, quando é anunciada pela Igreja e levada à prática, ilumina os fiéis pela atuação do Espírito Santo, e os impele a viver na totalidade o mistério do Senhor. A Palavra de Deus, recebida com fé, move o homem do profundo do seu coração à conversão e a uma vida resplandecente de fé, pessoal e comunitária, visto que a Palavra de Deus é o alimento da vida cristã e a fonte de toda oração da Igreja".

“A espiritualidade litúrgica, portanto, com respiro bíblico e eclesial, abre horizontes e mostra caminhos para unir liturgia e vida, numa expressão autêntica de fé e de amor”.

### 2.3. A Eucologia fonte da Espiritualidade litúrgica

A Palavra de Cristo habite em vós ricamente: com toda sabedoria ensinai e admoestai-vos uns aos outros e, em ação de graças a Deus, entoei vossos corações

salmos, hinos e cânticos espirituais. E tudo o que fizerdes de palavra ou ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, por ele dando graças a Deus, o Pai. (Cl 3,16-17).

Os antigos diziam que 'a oração' deve fundamentar a fé da Igreja' (legem credendi lex statuat supplicandi)<sup>12</sup>. Então, o significado de espiritualidade litúrgica se deve encontrar, antes de tudo, nas expressões orantes que a Igreja coloca em nossos lábios. Nelas, achamos numerosas e significativas expressões do estilo de vida dos discípulos do Senhor Jesus. Temos convicção de que o sentido da liturgia se adquire vivendo celebrações nas quais transparecem com beleza orante o mistério do Senhor ressuscitado que, domingo após domingo, iluminam e orientam a vida dos cristãos. Na escola da liturgia e tendo por alimento tudo o que nela se propõe como vida nova em Cristo, vai se delineando uma espiritualidade sólida, profunda e concreta, capaz de respirar com os pulmões de uma fé madura e coerente.

As orações da Igreja revelam o que somos e, pela graça de Deus e pela vocação cristã, indicam o caminho a seguir. O autêntico agradecimento a Deus pede mudança interior e empenho na partilha fraterna e nas relações humanas renovadas conforme a escola do amor de Jesus. A liturgia cristã exige que os discípulos do Senhor unifiquem a vida e suas escolhas: os dons apresentados a Deus abrem para a solidariedade com os pobres; a oferenda a Deus conduz a uma vida doada aos irmãos.

A título de exemplo de espiritualidade litúrgica, propomos alguns textos eucológicos de profundo respiro evangélico.

Na Oração Eucarística (OE) IV, pedimos "E, a fim de não mais vivermos para nós, mas para ele, que por nós morreu e ressuscitou, ó Pai, o Espírito Santo, como primeiro dom aos vossos fiéis para santificar todas as coisas, levando à plenitude a sua obra".

Por isso, clamamos: "Olhai, com bondade, / o sacrifício que destes à vossa Igreja / e concedei aos que vamos participar / do mesmo pão e do mesmo cálice / que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, / nos tornemos em Cristo um sacrifício vivo / para o louvor da vossa glória".

A OE I sobre Reconciliação reza: "Fazei que, sempre mais dócil ao Espírito Santo, se coloque ao serviço de todos. Ajudai-nos a trabalhar juntos na construção do vosso reino, até o dia em que, diante de vós, formos santos com os vossos santos".

A OE II sobre Reconciliação diz: "Vosso Espírito Santo move os corações, / de modo que os inimigos voltem à amizade, / os adversários se deem as mãos e os povos procurem reencontrar a paz. (Aclamação da Assembleia). Sim, ó Pai, / porque é

obra vossa que a busca da paz vença os conflitos, que perdão supere o ódio, e a vingança dê lugar à reconciliação".

#### 2.4. Ritos e símbolos

Por sua natureza de ação ritual, realizada em assembleia e por uma assembleia de batizados presidida por um ministro, a liturgia naturalmente 'aparece', 'se mostra'. Sua linguagem é 'corpórea', visível, envolve a pessoa humana com todos os seus sentidos. "A celebração cristã é em si mesma epifânica: a aliança de Deus com Israel, cuja realização em Cristo revela a imensidão do amor de Deus e revela o significado profundo da existência humana em todas as suas dimensões"<sup>13</sup>. Isso é consequência da lei da encarnação do Verbo que sustenta a celebração litúrgica na concreta assembleia que celebra. Daí surge o grande desafio da verdade do rito, que por sua natureza exige transparecer o que de fato é: uma realidade divina que se apresenta através de mediações humanas. Infelizmente, por incoerências na preparação da celebração ou na sua atuação ritual pode ocorrer que o aparecer não favoreça o 'transparecer' do Mistério que nela está em ação e se revela

### 3. DIMENSÕES DA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

#### 3.1. Fidelidade

*É belo louvar o Senhor e cantar a teu nome, ó Altíssimo, anunciar de manhã o teu amor, e tua fidelidade durante a noite (Sl 92/91, 2-3).*

Retomando os alertas de Papa Francisco, é preciso evitar que as celebrações litúrgicas se tornem mundanas. Para isso, antes de tudo, observem-se as 'formas' (cantos, palavras, ritmo, símbolos, movimentos, gestos etc.); sem cair em novos ou renovados formalismos que pretendem fixá-las, de modo rígido e autoritário, e afastar o rito das expressões ligadas à vida do povo de Deus e da concreta assembleia litúrgica. A 'forma' da liturgia não deve chamar a atenção sobre si, para 'se mostrar', pois o que ela visa é o cumprimento da salvação para a glória de Deus!

Escrevem os liturgistas franceses: "Como poderia acontecer a epifania da liturgia sem que haja antes a interiorização, ou seja, a recepção dos sinais sensíveis da

graça que é dada à assembleia? Só um exemplo: 'É ele (Cristo) mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja' (SC 7). Como pode ocorrer manifestação de fato que é verdadeiramente Cristo que fala à assembleia se a qualidade medíocre da leitura pública não permite à assembleia receber o texto como Palavra?"

A busca de espiritualidade litúrgica, coerente com o Mistério celebrado, exige que, na liturgia, tudo seja 'ordenado' pelo rito e não pelos gostos pessoais. Cada um deve 'fazer tudo e só o que lhe compete' (cf. SC 28); ninguém dominando os outros, mas todos obedecendo à 'regra' litúrgica, da qual a mais bela expressão é a caridade. A vanglória de quem preside ou cumpre algum ministério seja (deve ser) sistematicamente eliminada nas celebrações litúrgicas (como nas demais atividades eclesiais). O ordo ' litúrgico orienta para a 'presença' e o 'agir' do Senhor. Todos os que cumprem algum ministério são chamados a colaborar para que essa finalidade seja alcançada. Celebrar a liturgia nesse clima de intimidade com Jesus leva a uma vida interior mais profunda, gerada pelo toque da mão de Deus. Quem se coloca na liturgia com esse espírito não procura as celebrações como shows nem busca ritos 'neoconservadores'.

Essa espiritualidade não tem nada a ver com expressões litúrgicas ligadas tão somente a certa fidelidade 'formal', considerando que usar o latim, receber a comunhão na boca ou ajoelhado, fazer o povo rezar preces reservadas a quem preside etc. sejam sinais de maior fidelidade ao espírito da liturgia e de um mais profundo amor a Jesus. Colocar o foco nesses e semelhantes aspectos pode ser uma ilusão e não verdadeira espiritualidade que, ao invés, e deve por, acima de tudo, Jesus e a abertura humilde, discreta e sincera à ação do Espírito.

Na formação, em geral, e para uma verdadeira formação litúrgica, deve ter primazia essa dimensão espiritual, essencial e determinante para compreender e realizar toda celebração litúrgica. Dimensão que não se esgota em bonitos sentimentos e emocionantes cerimônias, pois somente na verdadeira e profunda celebração da memória da morte e ressurreição do Senhor Jesus (cf. SC 102) encontra inspiração e orientação para, como recomenda Paulo, viver no Espírito de Cristo, livres de insidiosas escravidões, que buscam satisfazer os desejos da carne (Gal 5, 16).

### 3.2. Ministérios

*Considera atentamente o ministério  
que recebeste no Senhor, cumprindo-o bem (Cl 4,17).*

Na liturgia, tudo deve guiar para o Senhor Jesus que, em união com o Espírito Santo, tudo dirige ao Pai, fonte de todo bem e fim da sagrada liturgia. Gestos e palavras, vestes e imagens, a solenidade dos cantos e os instrumentos musicais, folhetos e folhas devem 'orientar' e 'ordenar', na justa direção e no modo certo. Escrevem os liturgistas franceses:

"A liturgia é o lugar da memória cristã, o lugar no qual o que se vê, o que se toca e se cheira estrutura a identidade do fiel, a constrói, conferindo ao espírito a matéria significativa sobre a qual se pode fundar a própria existência crente e celebrante". De maneira especial, quem está à frente da Assembleia precisa ter viva consciência de que a comunicação não passa somente pela palavra; é o corpo todo que fala. "O corpo também reza, e sua postura deve ser coerente com as palavras que são pronunciadas. A postura é de suma importância, dado que toda oração do presidente é precedida por um gesto de preparação".

O liturgista L. M. Chauvet observa que "a liturgia cristã, como todo rito, é 'capaz de tudo: do melhor como do pior". O papa Bento XVI alertou: "A epifania do eu e do nós obscureceu a epifania de Deus". Por isso, o papa Francisco, chama a atenção de toda a Igreja a respeito do perigo de ser 'autor referencial' e se fechar a Deus e aos irmãos, buscando aparência, auto complacência egocêntrica, e elitismo narcisístico. Também a liturgia — como toda a vida cristã — pode ser infectada por esses vírus. Por isso, é preciso 'discernir' para que, superando todo exibicionismo, se realize uma "evangelização jubilosa (que) se torna beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso para se dar" (EG 24).

Escreve o monge e liturgista François Cassingena-Trevedy: "A liturgia é bela, na medida em que, num despojamento completo, numa renúncia total ao supérfluo, deixa aparecer os gestos fundamentais de Cristo e, de forma ainda mais radical, deixa aparecer o Gesto em pessoa, o Gesto de Deus para conosco, que é o mesmo Cristo. A estética litúrgica se funda na cristologia do gesto... (de fato) a Igreja não faz outra coisa que prolongar os gestos de Cristo".

Não combinam, portanto, com a liturgia cristã celebrações que "exaltam o ator ou que embalam e geram muitos movimentos corporais, mas poucos movimentos da alma, que produzem certa sensação de bem-estar, mas passageira, porque não profunda. O show vive sempre de um mito e da publicidade desse mito...

Mas o padre deve desaparecer para que o Cristo apareça. Quando as pessoas vão à missa para ver o padre, por exemplo, o encontro com Jesus Cristo se torna inviável.

A preocupação eclesial para uma liturgia espiritual deve ser a de passar da lógica mercantil à da gratuidade. Pode-se gerar escândalo, com o pretexto de dar glória a Deus ou de festejar a vida, como eventualmente ocorre nos ritos de batismo, matrimônio e funerais. Estes ritos, de per si, ligam-se à dimensão social e psicológica (antropológica) e, muitas vezes, acontecem repletos de fantasias e fotografias, de choro ou elogios totalmente desafinados com o sentido do Mistério celebrado.

### 3.3. Assembleia

*Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo! Fiquei alegre, quando me disseram: 'vamos à casa do Senhor!' (SI 122 /121, 1).*

Adapte-se a celebração do Mistério litúrgico, dando atenção à concreta Assembleia. As equipes de liturgia, começando pelo presidente da celebração, tenham uma escuta atenta das concretas e diferentes pessoas, segundo os distintos níveis de participação (cf. 1Cor 14,26). A Assembleia é um conjunto de pessoas que, batizadas em Cristo, constituem o Povo de Deus que caminha na história. A vida das pessoas, com suas angústias e dores, alegrias e esperança, não pode ficar distante da liturgia. O culto a Deus torna-se santificação dos que celebram (cf. SC 7).

Falar em concreta Assembleia, leva-nos a pensar em muitos cristãos de nossas comunidades que percorrem caminhos de santidade pessoal e comunitária pela vereda humilde da piedade popular. Essa é a qualidade do encontro 'religioso' com o mistério de Deus revelado em Cristo e o sedimento que a continuidade e a repetição vão deixando nas pessoas e nas comunidades, sob uma discreta, mas decisiva ação do Espírito (cf. EG 122-124). Uma boa liturgia viva, orante e entusiasta, com uma adequada integração com a piedade popular genuína, pode ser uma boa oferta pastoral para nosso tempo tão desejoso de experiência de Deus.

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia evidencia a existência de um antes e de um depois da liturgia, ela explica: "a Sagrada liturgia não esgota toda a ação da Igreja; com efeito, antes que os homens possam chegar-se à liturgia, é necessário que sejam chamados à fé e à conversão" (Sc 9); "a vida espiritual não se limita unicamente à participação na Sagrada liturgia" (SC 12). A liturgia, desse modo, torna-se experiência de vida eclesial e do Deus que liberta o seu povo e "fomenta sempre mais a vida cristã entre os fiéis" (SC 1). Em uma palavra, quando se fala em liturgia, não se quer, nem se pode separá-la do testemunho de uma existência cotidiana repleta do amor do Senhor que impulsiona à solidariedade com os irmãos e ao empenho pela construção da justiça e da paz, pois no Novo Testamento, a palavra 'Liturgia' tanto designa a celebração do culto divino, como também o anúncio do Evangelho e a prática da caridade.

Na liturgia, portanto, fundamenta-se a "espiritualidade de comunhão" (cf. DAp 189) e "o amor de misericórdia para com todos os que veem vulnerada sua vida em qualquer de suas dimensões" até o empenho de "criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidade para todos" (DAp 383).

Numerosos textos litúrgicos pedem que tenhamos essas atitudes. Por exemplo: Oração Eucarística para diversas necessidades, III, diz: "Fazei que todos os membros da Igreja, / à luz da fé, perscrutem os sinais dos tempos / e empenhem-se, de verdade, / no serviço do Evangelho. / Tomai-nos atentos às necessidades de todos / para que / partilhando suas dores e / angústias, / alegrias e / esperanças, / a eles levemos fielmente o anúncio da salvação / e com eles possamos progredir/no caminho do vosso Reino"

#### 3.4. Acolhida

*A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai (EG 47).*

Nas celebrações litúrgicas, todos devem se sentir acolhidos como na casa paterna, onde todos juntos manifestam o rosto multiforme da Igreja (cf. EG 116). Também os menos acostumados com a participação na vida eclesial devem se sentir acolhidos, à vontade, sem ser cobrado deles o que não receberam. A atenção aos pobres começa evitando as excessivas cobranças.

Que o princípio inspirador da liturgia seja a manifestação do Reino presente em mistério em nosso hoje. Recordamos a sala do banquete repleta de 'todos os que foram encontrados nas encruzilhadas' (cf. Mt 22,10). Estejamos cientes, porém, de que, atualmente, para muitas pessoas não bastante iniciadas à vida cristã e, menos ainda, à vivência litúrgica, a linguagem dos ritos não é compreensível de imediato. O encontro dominical em torno do altar da Eucaristia.

Conversando com os padres da diocese italiana de Albano, o papa Bento XVI exortava à busca de harmonia entre o que se faz, o que se diz e o que é vivido interiormente, sob a ação do Espírito Santo. O encontro dominical em torno do altar da Eucaristia e, ao redor da Palavra, deve favorecer o crescimento espiritual, ao redor da Palavra, no encontro fraterno e na comunhão sacramental. Antes de tudo, nós, pastores, devemos fazer com que toda celebração — também a da Palavra, do batismo e dos demais sacramentos — se tome momento de acolhida, de encontro, de comunhão.

### 3.5. Espaço

*O lugar está apertado para mim, Dá-me espaço,  
para que eu possa me abrigar (Is 49,20).*

Também para a experiência de espiritualidade contribui o próprio espaço litúrgico de nossas celebrações, quer pela beleza de sua forma arquitetônica, quer pela harmonia de sua disposição interna e de sua iconografia, tudo em nobre simplicidade (cf. SC 34). O espaço litúrgico deve ser um ambiente próprio para os fiéis se sentirem, de fato, 'Igreja', assembleia litúrgica, pedras vivas do templo (1Pd 2,5) e poderem participar ativamente da celebração dos mistérios da fé. De fato, o espaço goza de significativa força mistagógica: educa a uma fé que se traduz em espiritualidade comunitária. Especialmente quando "a beleza, a dignidade e a simplicidade do espaço estão em sintonia com a beleza do mistério pascal de Cristo".

Essa nobre simplicidade da liturgia exclui a mesquinhez, o pauperismo exibido, a chatice. O culto usa linguagem própria, antiga e sempre nova, porque repleta do reflexo da beleza divina. A festa possui uma linguagem bela, solene em sua simplicidade, pois provém do interior e do melhor das pessoas que participam, sobretudo das que presidem e animam.

### 3.6. Música e Canto litúrgico

*Aclamai ao Senhor, terra inteira, gritai e exultai cantando hinos.*

Cantai ao Senhor com a harpa, com a harpa e o som dos instrumentos (Si 98/97, 4-5). A música sacra será tanto mais santa quanto mais intimamente estiver unida à ação litúrgica quer como expressão mais suave da oração, quer favorecendo a unanimidade, quer, enfim, dando maior solenidade aos ritos sagrados" (SC 112). "O canto da Igreja... é sacramento, é simbolismo, isto é, o canto é um dos elementos que compõem a visibilidade, a corporeidade do simbolismo sacramental. Por meio deste sinal sensível, a Palavra cantada é veículo do encontro de Deus conosco e dos fiéis em Cristo entre si".

A esse respeito, podemos enunciar alguns desafios e compromissos ao redor de três aspectos:

a) expressões musicais de estilo neopentecostal, veiculadas amplamente pela mídia católica, com características de individualismo, sentimentalismo e relativismo litúrgico que não favorecem uma verdadeira espiritualidade;

b) a permanente busca de inculturação, desejada pelo Concílio (cf. SC 119), para que a música e o canto na liturgia cumpram a sua "função mistagógica de introduzir os fiéis na vivência do mistério pascal de Cristo, sobretudo pelo fato dos fiéis verem nessa música o leito' da sua própria cultura"<sup>30</sup>;

c) a permanente formação dos agentes litúrgico-musicais: "a metodologia firmada na mistagogia poderá corrigir vícios históricos gerados pela concepção estanque entre teologia, liturgia e espiritualidade".

### 3.7. Silêncio

*O Senhor mora em seu santo Templo:  
fique em silêncio a terra inteira (Hab 2, 20).*

Vivemos em uma sociedade que não mais conhece nem sabe o que é o silêncio. Não apenas o silêncio da boca ou dos ouvidos, mas também o silêncio dos olhos, dos membros do corpo, da respiração, do coração. O crente é alguém que escuta. Quem escuta, confessa a presença daquele que fala e quer envolver-se nele; quem escuta abre em si um espaço à inabituação do outro; quem escuta dispõe-se com

confiança ao outro que fala. 'Somos o que escutamos'. A questão é séria e não pode ser desconsiderada por nós, Pastores, primeiros responsáveis pela vida eclesial dos fiéis.

Observa o liturgista L. M. Chauvet que a atual demanda de adoração eucarística, com perceptível crescimento nas paróquias, deve ser provavelmente interpretada como uma reação frente às incertezas do nosso tempo: reação em favor de uma afirmação mais demonstrativa da fé católica; reação também em favor de uma 'interiorização' mais sensível da relação com Deus.

Pode parecer estranho constatar que, enquanto paróquias e movimentos propõem celebrações espetaculares e barulhentas, os jovens mais sensíveis e espiritualmente mais exigentes procurem interioridade e alimento espiritual mais sólido, em uma experiência de Deus que passa pela oração profunda e por liturgias que proporcionem a alegria de um encontro com Jesus Cristo em uma modalidade mais simples. Isso não significa deixar maior espaço sentimentalismo, porém, sim, proporcionar maior equilíbrio entre emoção e razão, escuta e silêncio, palavras e Palavra, entre o humano e o divino. "A liturgia do amanhã parece, portanto, exigir que cada cristão seja colocado em condições de adquirir o valor da interiorização do conteúdo da liturgia, unido à redescoberta de uma atmosfera mais orante e contemplativa". Neste sentido, são numerosas as recomendações dos documentos eclesiais:

“Observe-se, no tempo devido, o sagrado silêncio; com efeito, por causa dele os fiéis não se veem reduzidos a participar da ação litúrgica como espectadores estranhos e mudos; pelo contrário, inserem-se mais intimamente no mistério que se celebra, por força das disposições internas, que decorrem da Palavra de Deus que se escuta, dos cantos e das orações que se pronunciam, bem como da união com o sacerdote que profere as partes que lhe cabem”.

"A Liturgia da Palavra deve ser celebrada de tal maneira que favoreça a meditação; por isso, deve-se evitar a pressa, que impede o recolhimento. O diálogo entre Deus e os homens, que se realiza com a ajuda do Espírito Santo, requer breves momentos de silêncio, adequados à assembleia presente, para que neles a Palavra de Deus seja acolhida interiormente e se prepare uma resposta por meio da oração”.

Com profunda sensibilidade espiritual, Adélia Prado observa: "A palavra foi inventada para ser calada. É só depois que se cala que a gente ouve. A beleza de uma celebração e de qualquer coisa, a beleza da arte, é puro silêncio e pura audição. Mas, nós não encontramos mais em nossas igrejas o espaço do silêncio..., parece que há um

horror ao vazio. Não se pode parar um minuto..., não há silêncio. Não havendo silêncio, não há audição. Eu não ouço a palavra, porque eu não ouço o mistério, e eu estou celebrando o mistério".

### 3.8. Tempo

*Bendirei o Senhor em todo o tempo.*

*Seu louvor estará sempre em minha boca (Sl 34/33, 2)*

Desde os primórdios do cristianismo, celebramos o "Dia do Senhor", dia da reunião dos irmãos para fazer memória do Ressuscitado. Ao longo de séculos, foi-se organizando o Ano Litúrgico, no qual cada tempo ou festa tem sua espiritualidade específica e goza de uma força sacramental que lhe é própria. No Advento, a alegre e confiante expectativa do Senhor que virá; no Natal, a certeza da presença do Emanuel, Deus-Conosco; na Quaresma, tempo de conversão; no Tríduo e no Tempo Pascal, a fé e a certeza de que o Ressuscitado vive entre nós; no Tempo Comum, a celebração do seguimento de Jesus, passo a passo, guiados pelo Evangelho dominical; nas festas de Maria e dos Santos, celebrando a fidelidade, o testemunho, a vivência das bem-aventuranças.

Num prefácio do Missal Romano, oramos: "Hoje, vossa família, para escutar vossa Palavra, e repartir o Pão consagrado, recorda a ressurreição do Senhor, na esperança de ver o dia sem ocaso, quando a humanidade inteira repousará junto de vós. Então, contemplaremos vossa face e louvaremos sem fim vossa misericórdia".

"A liturgia não serve para encher nossos ouvidos de palavras bonitas e bem cantadas, muito menos para impregnar em nossas roupas o odor da fumaça do incenso. A liturgia serve para ser sinal latente de esperança na vida. Um sinal que impulsiona a sempre mais caminhar rumo ao Eterno, razão da nossa Esperança cristã — este é o autêntico espírito litúrgico, que manifesta com a vida o mistério divino"

Papa Bento XVI afirma:

"A esperança cristã é alimentada pela ação celebrativa da liturgia. A experiência da misericórdia de Deus na liturgia se converte na renovação da esperança. A celebração litúrgica, libertando o coração da angústia cotidiana, doa nova fé. O momento celebrativo comunica a alegria de esperar um mundo melhor, de viver na Igreja, de ser amado por Deus e poder amá-lo também, de ser perdoado e salvo. Por

isso, o fiel se vê ajudado a compreender que para guardar, reavivar, testemunhar e comunicar a esperança deve retornar a celebrar, a contemplar Jesus, o Ressuscitado".

A oração litúrgica constantemente orienta para a dimensão escatológica, isto é, para a plena manifestação do Reino, e nos faz pedir que possamos "amar, desde agora, os bens do céu / e, caminhando entre as coisas que passam, / abraçar as que não passam"<sup>41</sup>; e "discernir com sabedoria as coisas terrenas / e colocar nossas esperanças nos bens eternos"<sup>42</sup>. No momento mais alto da celebração eucarística, proclamamos: "Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus!".

Vive a espiritualidade litúrgica quem testemunha, como os primeiros discípulos, a alegria do Evangelho: "Eles perseverantes e bem unidos, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo" (At 2, 46-47).